

"NOME" NOS SALMOS

Luís I. J. Stadelmann

"Nome" ocorre 96 vezes nos Salmos de maneira diferente do uso comum que dele se faz na nossa linguagem. O motivo é que "nome" é um termo referencial que designa a Deus cultuado na liturgia da comunidade dos fiéis. Distinguimos duas modalidades no uso de "nome": a primeira consiste na *invocação* do "nome" em súplicas pela intervenção de Deus, para que venha em auxílio dos homens por meio do seu poder irresistível, de sua autoridade suprema e de sua soberania ilimitada; a segunda se emprega nos *encômios* ao "nome" para enaltecer a glória, honra e santidade de Deus.

A peculiaridade literária de apresentar por um termo genérico (isto é, nome) o que nós hoje expressamos por termos específicos (isto é, glória, honra, santidade ou poder, autoridade, soberania) baseia-se no uso referencial de "nome" nos Salmos. É que "nome" se refere ao próprio Deus a quem se celebra na liturgia. Além disso, nas *invocações*, "nome" é um termo que equivale à *interjeição* de apelo, substituindo o vocativo. Nos *encômios* a Deus, o "nome" é equivalente a *aclamação* litúrgica.

À luz desta análise literária, a prece: "santificado seja o teu nome" corresponde a esta: "santificado sejas tu, ó Deus, na celebração litúrgica!"

A função cultural de "nome" é importante sobretudo no que diz respeito à *mediação verbal* no diálogo entre fiéis e Deus durante a oração litúrgica. Ali a palavra é meio de comunicação interpessoal e,

quando é falada em voz alta, assume a forma de proclamação no âmbito comunitário. Quem ouve as palavras recitadas pelos outros redobra sua convicção de que Deus as ouve e também responde. Com efeito, Deus dirige-se aos homens em linguagem humana, falada por seres humanos¹. O motivo de Deus abrir-se a nós em nossa própria linguagem é o fato de Ele querer transmitir uma revelação pessoal. Para ouvi-la compete a cada um dos fiéis unir-se à comunidade na escuta da palavra de Deus, na colaboração para a sua vida religiosa e no apoio efetivo à promoção do bem comum. Desta abertura para a comunidade dos fiéis e para o Reino de Deus resulta a verdadeira transcendência do eu para o outro e faz com que se ouça a voz de Deus, que procede tanto do alto quanto de baixo. Pois Deus fala através do ser humano, cuja natureza é um tecido de nobreza e miséria, de elevação e baixeza. Ele se dirige ao homem cheio de defeitos e fraquezas, ora turbado pelo pecado e pelas lutas interiores, ora zeloso pelo bem e de novo fraco e desalentado. É assim que a liturgia o vê e acolhe e é assim que o encontramos nas orações da comunidade dos fiéis. Em função do culto o indivíduo assume as idéias litúrgicas. Ele tem de superar os seus objetivos pessoais para adotar as práticas da grande comunidade humana litúrgica. Assim ele terá de participar da oração de ação de graças e de louvor, embora seu estado de alma seja a aridez do deserto; ele terá de rezar as súplicas formuladas em situações de opressão e de injustiça, apesar da preferência de sua sensibilidade espiritual por atitudes passivas, desvinculadas do destino histórico da grande massa da humanidade. Desta forma, a comunicação interpessoal com os fiéis, cujas súplicas são ditadas pelas necessidades da existência de cada homem, é *meio* litúrgico para dialogar com Deus e um *caminho* para o encontro com Ele no culto e na vida.

Por outro lado, os fiéis que participam do culto divino não se despojam de sua piedade pessoal ao elevar-se ao plano dos valores da espiritualidade comunitária. Sacrificam, sim, a preocupação individualista e o intimismo religioso à estrutura dialógica e interpessoal da liturgia, cuja razão de ser não é o homem, mas Deus.

Entretanto, não se pode encarecer demais a importância da participação do indivíduo na liturgia, cujo sujeito é a união da comunidade dos fiéis². Através da unidade espiritual dos seus membros

¹ Sobre toda esta temática, ver L. Alonso Schökel, *A Palavra Inspirada*, (trd. M.S. Gonçalves), Loyola, São Paulo 1992, (Original espanhol 1981), p. 35.

² A obra clássica sobre esse assunto é de R. Guardini, *O Espírito da Liturgia*, (trd. F.A. Ribeiro), Ed. "Lumen Christi", Rio de Janeiro 1942), (Original alemão 1918). Ver também J.J. Tamayo-Acosta, *Hacia la comunidad. 3. Los sacramentos, liturgia del prójimo*, Trotta, Madrid 1995.

cada um se eleva a Deus. Se alguém, fechado no seu próprio eu, a dispensasse, pensando que só é preciso rezar a Deus nos momentos trágicos da vida, como se a comunicação com Ele fosse apenas para atender a uma necessidade sem abertura para a reciprocidade, estaria impondo condições para encontrar-se com Deus. Entretanto, o caminho de encontro com Deus não é imposto pelo homem, mas pelo Espírito que o leva à presença divina mediante a *virtude da religião*, cujo objeto próprio é o culto de Deus, tanto interno como externo.

É próprio da liturgia contextualizar na comunidade dos fiéis e no Reino de Deus tudo o que o indivíduo tenha necessidade de comunicar a Deus em termos de anseios e aspirações pessoais. Sua linguagem religiosa formula orações que brotam da experiência vivida no íntimo de sua alma, sabendo que está a sós com Deus; ao mesmo tempo ele se sente em contato com os irmãos na fé, pois cada iniciativa individual de estimular o fervor religioso na liturgia tem respaldo comunitário. Ao surgir um convívio vital com Deus, a linguagem em que o indivíduo lhe fala se lhe ajusta tanto ao que lhe diz respeito como à realidade que o anima: o amor a Deus e ao próximo. E é precisamente esse amor que convoca as suas melhores energias quando se eleva até Deus na oração litúrgica.

Endereço do Autor:
Av. Cristiano Guimarães, 2127
31720-300 Belo Horizonte — MG